

O Sapo

(Tristan Corbière.)

Noite sem ar e esse canto, e esse canto...
—E a lua, em metal claro, unindo quanto
Rasgão do verde escuro, arvores, alfombra...

Um canto, como um éco, muito vivo,
Enterrado, acolá, na mouta... esquivo.
E, agora cala. Vem, é ali, na sombra,

Vem—um sapo!—Que medo que te deu!
Não vês. bem perto, aqui, teu fiel soldado?
Mas, olha-o, sem aza, é um poeta pellado
O rouxinol da lama.—Horror!—Não é meu.

Oh! canta.—Horror.—E porque horror? Volveu
(Nem viste?) um longo olhar, illuminado...
Não: esconder-se a uma pedra, o desgraçado
Lá vai... Boa noite.—E o sapo, não sou eu?

Bahia

PEDRO KILKERRY.



Charada 135

Ao mais pechote.

O Xisto Basilêo Darío Prado
Certa mania tem—impertinente—
Que é de fazer a gente
Ficar de queixo abaixo, derreado.

Ninguém, mais do que o tal, possui talento,
Nem predicaos de honradez e brio
E' um genio, um portento,
O espaventoso e pandego Darío.